

Masculinidades: uma análise dos personagens El Cid e bispo Jheronimo no *Poema de Mio Cid*

Bruno Gonçalves Alvaro*

Resumo:

Neste artigo, nosso objetivo se fixará na análise dos adjetivos e ações, presentes no *Poema de Mio Cid*, atribuídos aos personagens *El Cid*, cavaleiro protagonista do poema, e bispo Don Jheronimo, que, mesmo sendo um clérigo, é descrito lutando contra os mouros. A partir do levantamento de tais dados, analisaremos as possíveis similitudes e diferenças na construção das masculinidades leiga e religiosa na referida obra e de que maneira elas estão associadas à sociedade castelhana, local de produção do poema.

Abstract:

In this article, our objective is set in the analysis of the adjectives and actions, attributed to the characters, *El Cid*, the protagonist knight of the poem, and the Bishop Don Jheronimo, a cleric, that is also described as a fighter against the Moors, in the *Poem of Mio Cid*. From these data, we'll analyze the possible similarities and differences that are seen in the construction of the lay and the religious masculinity, and try to understand how that they are linked to Spanish society, place of production of the poem.

O tripé da pesquisa: Idade Média, Gênero e Masculinidade(s)

Em nossa pesquisa de mestrado, iniciada no início de 2007, temos analisado, à luz dos estudos de gênero, como se dá a construção das masculinidades leiga e religiosa no século XIII no âmbito do reino de Castela. Para tal, utilizamos como *corpus* documental dois textos contemporâneos, mas cujos intuitos são claramente distintos. O primeiro, o *Poema de Mio Cid*, escrito pelo clérigo Per Abbat em 1207,¹ tem, entre outros motivos, o de rememorar os feitos gloriosos do cavaleiro Rodrigo Díaz de Vivar, comumente conhecido pela alcunha de *El Cid*. O

* Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

¹ Sem ignorar pesquisadores renomados como, por exemplo, Ramón Menéndez Pidal e Colin Smith, defendemos em nossa pesquisa que, à despeito dos debates acerca da utilização do verbo *escribir* no castelhano medieval, o autor do *Poema de Mio Cid* foi Per Abbat, documentado como clérigo no reino de Castela durante o final do século XII e meados do século XIII. Não nos estenderemos sobre o debate a respeito da autoria do poema, já que este não se perfaz como nosso objetivo no presente trabalho. Mas ressaltamos que no decorrer do nosso texto atribuiremos a ele tal autoria.

segundo é o poema-hagiográfico que narra a vida do abade de Silos, Domingo Manso, intitulado *Vida de Santo Domingo de Silos*, escrito pelo também clérigo-poeta Gonzalo de Berceo, na metade do século XIII.

Aplicaremos nossa análise sobre a construção das masculinidades leiga e religiosa no *Poema de Mio Cid* e, especificamente, no estudo de apenas dois de seus personagens: o protagonista da obra, *El Cid* e o bispo Don Jheronimo.

Antes de adentrarmos na discussão a que nos propomos fazer, consideramos relevante traçar brevemente como estamos lidando com nosso quadro teórico e as dificuldades encontradas em aplicá-lo ao estudo do medievo ibérico.

Nossa pesquisa está calcada na conceitualização formulada pela historiadora e teórica Joan Scott que afirma, em resumo, que os estudos de gênero atendem a necessidade de analisarmos os processos de relações de poder entre homens e mulheres na sociedade. Ainda, segundo ela, para entendermos a natureza dessas relações e escrevermos sua história devemos reconhecer que “man and woman are at once empty and overflowing categories” (SCOTT, 1999: 49). Scott considera que tais categorias são “vazias” porque não têm nenhum significado definitivo e transcendente, e “transbordantes”, pois, mesmo quando parecem fixas, contêm dentro de si definições alternativas que podem ser negadas ou reprimidas.

Podemos enxergar, dessa maneira, gênero como relacional, porém, não só relativo a homens e mulheres. Sendo assim, é possível desenvolver um estudo à luz da categoria gênero analisando apenas homens. O que nos remete, então, à masculinidade, foco principal de nossa pesquisa, mais especificamente às masculinidades de leigos e religiosos em Castela do século XIII.

Este campo de análise é relativamente novo e segundo Anne Pérotin-Dumon: “se sitúan en la línea de los estudios sobre las mujeres y la reflexión suscitada sobre el género” (PÉROTIN-DUMON, 2008: s/p). Dessa forma, toda e qualquer definição sobre o que é masculinidade se torna complexa. Nelson Minello Martini demonstra tal problema, ao rastrear pelo menos seis enfoques para o estudo desse enunciado, cada um desses apresenta uma conceitualização específica para o termo.² Utilizar inicialmente a conceitualização de Andrew Tolson, talvez possa ser uma saída para nosso estudo. Tal pesquisador define o termo como “una identidad genérica

² Sobre os seis enfoques e a multiplicidade do conceito de masculinidade nos mesmos, ver: MINELLO MARTINI, 2002: 11-30. Principalmente as páginas 15 e 16.

culturalmente específica y socialmente funcional” (TOLSON apud PÉROTIN-DUMON, 2008: s/p). Essa idéia remete-nos a conceitualização de gênero como uma “categoria vazia”, pois possibilita-nos inserir o enunciado – masculinidade(s)³ – no contexto de produção do *Poema de Mio Cid* e da *Vida de Santo Domingo de Silos*. Ou seja, por gênero ser uma categoria de análise vazia, ela abre o leque de possibilidades de abordagem, permitindo, ainda, que tal conceito, no caso o de masculinidade(s), seja observado à luz das relações culturais/ sociais onde estão presentes. Além do mais, quando Tolson destaca que a masculinidade(s) é construída e definida a partir de um dado específico da cultura da sociedade em que o indivíduo está inserido, permite-nos postular que nas obras por nós analisadas não há apenas um tipo de masculinidade, mas múltiplos.

A situação dos estudos sobre masculinidade no âmbito do medievalismo não é confortante: são pouquíssimos os trabalhos e a maior parte dos estudos relacionados a este tema se situam no campo da História Contemporânea ou da Sociologia. Por isso, é inevitável não manipularmos e dialogarmos com estudos situados na contemporaneidade e na medida do possível adaptá-los ao nosso campo de pesquisa na Idade Média.

Passaremos agora à apresentação da fonte selecionada para este estudo, os personagens e algumas nuances que julgamos relevantes para uma melhor compreensão da nossa proposta analítica.

O *Poema de Mio Cid* e os personagens escolhidos para análise

Inúmeras são as discussões acerca da autoria e datação do *Poema de Mio Cid* e, de maneira geral, não há um consenso definido sobre este tema. Nosso posicionamento ante isso é a defesa de que Per Abbat, que assina o único manuscrito preservado, foi o seu autor e que a datação é a mesma que aparece ao final do documento, ou seja, 1207. Nossa perspectiva é influenciada pelas pesquisas recentemente desenvolvidas por María del Carmen Gutierrez Aja e Timoteo Riaño Rodríguez.

O *Poema de Mio Cid*, em seu estado atual, é composto por 74 *folios* num total de 3.733 versos e se encontra na Biblioteca Nacional de Madri. Sabemos que falta uma folha no início do manuscrito e mais duas no interior, desta maneira podemos supor que o poema em seu estado

³ Utilizaremos o termo masculinidade no plural por entendermos que seus múltiplos enfoques também nos direcionam a múltiplas masculinidades.

original tinha, aproximadamente, 4.000 versos ou um pouco menos. O texto está dividido em três núcleos narrativos que comumente são denominados pelos estudiosos em: *Cantar del destierro* (Cantar I), *Cantar de las bodas* (Cantar II) e *Cantar de la afrenta de Corpes* (Cantar III).

O primeiro começa com *El Cid* partindo para o exílio, juntamente com o seu séquito, por ordem de Afonso VI. O segundo retrata suas campanhas na região do Levante e a conquista de Valência e se encerra com as bodas de suas filhas com os *infantes* de Carrión. O terceiro cantar trata da restituição moral e financeira do *Cid*, já que suas filhas foram ultrajadas pelos *infantes* em Corpes, por motivo de vingança. O poema se encerra com *El Cid* atingindo todos os seus objetivos e tendo uma morte tranqüila como governante de Valência. Os três cantares demonstram a gradual ascensão heróica de Rodrigo Díaz.

Em nossa pesquisa e nesse artigo utilizamos a edição crítica elaborada por Colin Smith, que em seu estudo utilizou como auxílio a edição fotográfica do manuscrito original publicada em Madri em 1967 e a edição paleográfica de Menéndez Pidal publicada pela primeira vez em 1911.⁴

Rodrigo Díaz de Vivar ou *El Cid*, nasceu, provavelmente, na terceira ou quarta década do século XI na aldeia de Vivar, a poucos quilômetros ao norte de Burgos, na época, território pertencente a coroa de Castela e Leão, sob o governo de Fernando I (1035-1065). De uma família de *infanzones*,⁵ *El Cid* foi mandado ainda jovem para viver na casa do filho mais velho de Fernando I, Sancho, futuro rei de Castela. Sobre sua educação intelectual, Richard Fletcher ressalta: “De sua criação anterior a essa época, temos apenas poucas indicações. Ele era alfabetizado – chegou até nós, de fato, um exemplar de sua letra – e é razoável que ele houvesse aprendido a ler e escrever ainda bem criança” (FLETCHER, 2002: 151).

Quanto ao treinamento cavaleiresco, ou seja, o lidar com as armas, provavelmente, se iniciou, também, ainda na infância de *El Cid* e foi complementado com sua inserção na mesnada do jovem príncipe, o qual também deve lhe ter armado cavaleiro, dando, assim, por completo seu treinamento.⁶

⁴A edição Fac-similar pidalina para o *PMC* e a edição fotográfica do manuscrito assinado por Per Abbat encontram-se disponibilizadas no sítio da Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes: <<http://www.cervantesvirtual.com>>.

⁵ Segundo Alan Deyermond: “o mais baixo grau na hierarquia da nobreza castelhana” (DEYERMOND, 1997: 88). No entanto, Richard Fletcher afirma: “é bem verdade que ele se saiu extremamente bem por seus próprios méritos, mas a base doméstica da qual ele partiu não era humilde” FLETCHER, 2002: 150).

⁶ Richard Fletcher também dedica uma parte de seu livro especificamente a possível educação militar recebida por *El Cid*. Ver as páginas 152-155.

Quando adulto serviu o rei Sancho II, o Forte (1065-1072) com o cargo de *armiger*.⁷ Em 1072, durante o cerco a uma cidade, seu senhor foi morto sob circunstâncias até hoje desconhecidas, abrindo caminho para seu irmão Afonso VI (1065/1072-1109) unificar os territórios sob o domínio das coroas de Leão e Castela.

Tal evento parece ter afetado a relação entre *El Cid* e o então chamado Afonso VI de Leão e Castela, problema que aumentou mais ainda com o evento conhecido como “jura de Santa Gadea”, no qual conta-se que o cavaleiro teria feito o monarca jurar não ter tido participação alguma na morte de seu irmão.⁸ Os problemas políticos, somado ao possível posicionamento de *El Cid* contra Afonso VI após a morte de Sancho II, ou, ainda, problemas com outros súditos reais, puseram em *xequ* a situação do cavaleiro na Corte, o que, provavelmente, o levou ao exílio acompanhado de um pequeno grupo de guerreiros fiéis ao falecido monarca.⁹ Durante o período de desterro, *El Cid* desencadeou diversas empreitadas militares, extorquindo *parias* das *taifas* do leste da península e lutando como mercenário a serviço dos muçulmanos. Seu mais famoso sucesso foi a tomada de Valência, que governou, aproximadamente, por cinco anos, de 1094 até sua morte em 1099.

Todos esses feitos parecem ter favorecido a fusão entre realidade e mito, o que pode ser constatado pelos inúmeros *El Cid* que podem ser encontrados numa larga tradição literária: o poema *Carmem Campi Doctoris*, a biografia *Historia Roderici*, a *Primeira Crónica General* e o *Poema de Mio Cid*.

Quanto às informações sobre o bispo Don Jheronimo, Colin Smith alerta para o fato de que o personagem, como já ressaltado por nós, não aparece documentado em nenhum texto histórico ou literário espanhol. No entanto, ressalta que o nome era comum entre clérigos franceses do período *cidiano*.¹⁰ O único Jheronimo, dito “histórico” que temos notícias é o cluniacense conhecido como Jerônimo de Périgord, que assim como o do poema, “de parte de

⁷Fletcher assinala: “Originalmente, o armiger do rei era apenas aquilo que a palavra latina significa literalmente, o portador de armas do rei. A partir do século XI, nas ocasiões cerimoniais, o armiger continuou a ser o serviçal do rei cujo dever e privilégio era carregar a espada, a lança e o escudo reais. Mas, ao tempo de Sancho II, as responsabilidades desse oficial ultrapassavam em muito as meramente domésticas ou cerimoniais. Ao armiger cabia supervisionar a milícia da casa real, o corpo de tropas que formava a guarda do rei, constituindo o núcleo do exército real” (FLETCHER, 2002: 157).

⁸Não se sabe ao certo se Afonso VI teve alguma ligação com a morte do irmão.

⁹Não há um consenso acerca dos motivos do exílio do *El Cid* e sua cronologia. Alguns autores defendem que ocorreu graças a problemas relacionados a possível participação de Afonso VI na morte de seu irmão. Outros, por sua vez, assinalam que o vassalo foi exilado por tomar parte em um ataque a Toledo, àquela altura aliada de Leão e Castela.

¹⁰Nos referimos aqui não ao momento de criação do poema, mas o período em que *El Cid* viveu, ou seja, no século XI.

orient” (PMC, 2001: 192), veio da França para os reinos ibéricos com outros muitos companheiros da Ordem para ajudar na reforma da igreja peninsular sob a direção de Bernardo, arcebispo de Toledo desde sua reconquista em 1085. Per Abbat menciona o “seu” Don Jheronimo como bispo de Valência pouco depois da tomada dessa cidade por *El Cid*.

A palavra e a espada: a construção das masculinidades dos personagens

Para analisar como se dá a construção das masculinidades dos personagens, nos preocupamos com alguns dados textuais referentes a *El Cid* e Don Jheronimo. Não resta dúvidas que, para nós, o mais importante deles diz respeito à forma como os dois são representados pelo clérigo-poeta Per Abbat.

El Cid é o herói por excelência, descrito sempre como “buen vassallo!”, aquele que “en buen ora çinxieste espada!”, “el que en buen ora nasco”, etc (PMC, 2001: 145, 146 e 234). Mas acima de tudo, Per Abbat o erige como um cristão modelar, sem mácula, disposto a tudo para defender o cristianismo dos mouros e os interesses da Igreja e, ainda, daquele que o desterrou, seu senhor Afonso VI.

Sua masculinidade é cunhada no mesmo peso e medida que seu *ethos* cristão/cavaleiro, com algumas especificidades que merecem nota. Retratado extremamente violento, “quinze moros matava de los que alcançava” (PMC, 2001: 162), no entanto, sem perder a justiça e sendo, por vezes, considerado até mesmo amável e justo, não só com seus cavaleiros, como também, com os mouros com quem ele fazia aliança. Porém, também comete atos de trapaça, o que, contudo, não é visto pelo clérigo-poeta como uma característica desonrosa.¹¹ É forte e destemido, porém humano e, por que não, sentimental, como, por exemplo, na cena em que é narrada sua separação da esposa e filhas, mandadas para um monastério durante o período em que ele tentaria a sorte no desterro: “Lorando de los ojos que non viestes atal,/ asis parten unos d’otros commo uña de la carne” (PMC, 2001: 158).

Ele é acima de tudo honrado e parece ser este um dos fatores que mais aparece para contribuir na construção de sua masculinidade. Nem mesmo a sexualidade exerce tanta importância na descrição elaborada por Per Abbat para o cavaleiro burgalês. Pois durante quase todo o poema, a ausência de sua esposa Jimena e suas filhas Elvira e Sol é apenas um elemento

¹¹ Nos referimos ao caso do baú cheio de areia simulando ouro entregue aos judeus Rachel e Vidas em troca de um adiantamento financeiro.

para mostrar que o cavaleiro é quase assexuado, preocupado apenas com a conquista das terras em poder dos mouros.

Don Jheronimo representa um tipo de clérigo, ao que parece, a despeito da tentativa da Igreja medieval em conter tais atitudes, sedento por sangue e não apenas ideologicamente como, por exemplo, Bernardo de Claraval, que ao escrever aos cavaleiros do templo é bem claro em explicitar sua limitação ao não poder pegar em armas: “como no me era permitido servirme de la lanza contra los insultos de los enemigos, deseaste que, a lo menos, emplease mi lengua y mi ingenio contra ellos” (BERNARDO DE CLARAVAL, 1955: 853).

Don Jheronimo, diferentemente do abade de Claraval, não se utiliza apenas da língua para travar batalhas contra os inimigos da cristandade, e não é só a lança e a palavra que Jheronimo maneja, mas todo o equipamento cavaleiresco. Nisso ele se aproxima muito do, agora, seu companheiro de campo, *El Cid*. Per Abbat narra da seguinte maneira a chegada do “bispo mata-mouros”:

“en estas nuevas todos se(a) alegrando/ de partede orient vino un coronado: / el obispo don Jeronimo su nombre es lamado, / bien entendido es de letras e mucho acordado, / de pie e de cavallo mucho areziado./Las provezas de mio Çid andava las demandando./ sospirando (el obispo) quês viesse con moros en el campo, / que si fartas lidiando e firiendo con sus manos/ a los dias del sieglo non le lorassen christianos” (PMC, 2001: 192-193).

Como podemos ver, o bispo não se difere muito da representação de *El Cid* e dos demais homens presentes no poema. Mesmo se tratando de um clérigo, que, como relata o autor, tem o domínio das letras, ele ainda tem o trato no lidar com as armas e sua chegada, segundo o texto, provoca euforia entre o séquito do Campeador.

Esta condição militarizada do bispo não é algo tão fora de contexto à realidade castelhana do século XIII, principalmente se levarmos em consideração que a chamada “Reforma Gregoriana” não pode ser considerada homogênea na península. Ainda, através do texto, podemos nos questionar sobre essa situação tênue entre leigos e religiosos, principalmente, se levarmos em consideração o diálogo entre *El Cid* e seu “braço direito” Albar Fañez sobre o desejo do Campeador em instituir um bispado em Valência e outorgá-lo aos cuidados de Don Jheronimo.

No entanto, o bispo não quer apenas estar à frente da missa, mas participar dos combates contra os mouros, oportunidade que logo lhe é dada com a chegada das tropas do rei marroquino Yuçef. Após rezar a missa e encomendar *El Cid* e os cavaleiros, “el obispo don Jheronimo soltura nos dara,/ dezir nos ha la missa, e penssad de cavalgar” (PMC, 2001: 206), parte ele mesmo para a lida e como era de se esperar os cristãos vencem e Don Jheronimo, segundo o autor do poema, “quando es farto de lidiar con amas las sus manos/ non tiene en cuenta los moros que ha matados” (PMC, 2001: 210).

Per Abbat ainda descreve mais uma vez o *ethos* guerreiro do bispo mata-mouros na ocasião em que novamente as forças marroquinas, agora lideradas pelo rei Búcar, investem contra a cidade de Valência. Nessa passagem, em especial, podemos observar como as masculinidades leiga e religiosa são desviantes com que costumeiramente se é apresentado. Ao contrário do que se pode pensar, leigos e religiosos, pelo menos na região por nós estudada e, lógico, via análise da fonte em questão, eram muito mais próximos em seus cotidianos do que parece e, mais uma vez, ressaltamos que a honra e, agora também, a coragem, são substantivos de extrema importância na construção de tais masculinidades, pois são os fatores que poderão ser cabais na diferenciação, por exemplo, entre leigos e leigos e religiosos e religiosos, o que corrobora com nossa concepção de múltiplas masculinidades, não só na relação leigos/religiosos, como também entre pares da mesma categoria. Pois, a nosso ver, a única diferença expressiva entre os personagens *El Cid* e Don Jheronimo – estes, por sua vez, de categorias diferentes –, não se fixa na sexualidade, como poderia se esperar em uma análise calcada nos estudos relacionais de gênero, mas sim na atividade religiosa do segundo, já que o clérigo, como nos mostra a análise do texto, não só exercia como podia exercer, a mesma atividade que *El Cid*, contudo, o cavaleiro não tinha o mesmo privilégio que o religiosos. Perguntamo-nos, então, o que diferencia os atores nessas múltiplas masculinidades dentro da mesma categoria?

Para responder essa pergunta, nos fixaremos mais profundamente na passagem que ressaltamos sobre a nova investida contra Valência. Nessa parte do texto, temos o contraponto de masculinidade, não só de *El Cid*, como ainda de Don Jheronimo: os infantes de Carrión, futuros genros do protagonista do poema. São eles que possibilitam nossa observação sobre como a masculinidade é construída a partir de adjetivos e substantivos que são utilizados para diferenciar os atores de mesma categoria. Nessa passagem, enquanto Don Jheronimo e *El Cid* são retratados como ávidos pelo início do combate, chegando o autor, a dar voz ao primeiro pedindo a honra

dos primeiro golpes, os infantes são retratados como covardes que temem a luta: “Amos hermanos apart salidos son:/ ‘Catamos la ganância e la perdida no;/ya en esta batalla a entrar abremos nos,/¡esto es aguisado por non ver Carrion,/bibdas remandran fijas del Campeador!’” (PMC, 2001: 228)

Como podemos observar, enquanto *El Cid* e também Don Jheronimo são retratados como bons cristãos, bons lutadores, etc, os condes de Carrión são o oposto; é claro que sua comparação com o religioso se limita no quesito coragem, no entanto, se os compararmos com seu outro par dentro da categoria leigo, *El Cid*, observaremos que suas masculinidades se diferem, graças aos elementos honra, a já citada coragem, etc.

Estes exemplos nos ajudam a concluir, parcialmente, até esse momento, que lidamos com múltiplas masculinidades, não só no que diz respeito às categorias leigo e religioso, mas, também, com múltiplas masculinidades dentro da categoria leigo.

De maneira geral, este é o modelo analítico que temos utilizado em nossa pesquisa de mestrado ao analisar comparativamente o *Poema de Mio Cid* e a *Vida de Santo Domingo de Silos*. Foi possível, ainda, observar com este estudo de caso, que a representação dos religiosos em Castela no período em que foi escrito o *Poema de Mio Cid* é conotada de um *ethos* guerreiro, sem sombra de dúvida presente na sociedade daquele período, pois, como afirmam María del Carmen Gutierrez Aja e Timoteo Riaño Rodríguez, na sociedade em que estava inserido o clérigo-poeta autor do *Poema de Mio Cid*,

tanto los cristianos en general como los clérigos sentían que la guerra conta los moros, además de posibilitar las conquistas de unas tierras, era una lucha contra el infiel, una verdadera cruzada, en la que los obispos eran los primeros en participar.

Son muchos los ejemplos que podíamos recordar de ese “tipo de obispos y abades” que manejaban las armas contra los moros y hasta dejaban las vidas en las batallas (GUTIÉRREZ AJA; RIAÑO RODRÍGUEZ, 2006: 307).

Há de se assinalar, também, que essa distância entre clérigos e cavaleiros, que hoje grande parte da historiografia vê como bem delimitada,¹² era tênue em toda a Idade Média e não só na Península Ibérica.¹³ O modelo ideológico de três ordens, de três funções específicas, construído

¹² Talvez por uma leitura ou apropriação errônea da análise dubyniana sobre o imaginário feudal cujas raízes estão firmadas no século XI. Cf. DUBY (1982).

¹³ Ver por exemplo o incansável projeto, do já citado, Bernardo de Claraval de absorver a Cavalaria, não para o serviço dos interesses da Igreja, mas como parte inseparável da instituição eclesiástica. Fruto disso são as famosas Ordens Monástico Militares, exaltadas por ele em seu famoso texto *De la excelencia de la nueva milicia* dirigido aos

por clérigos como Adalberão de Laon e por Gerardo de Cambrai, nos anos vinte do século XI, não deve ser em hipótese alguma generalizado.

Bibliografia

- ANÔNIMO. **Poema de Mio Cid**. Edición de Colin Smith. 22 ed. Madrid: Catedra, 2001.
- BERNARDO DE CLARAVAL. De la Excelencia de la Nueva Milicia. In: _____. **Obras Completas de San Bernardo**. Edición Española preparada por el P. Gergorio Diez Ramos, O.S.B. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1955. 2 v. V. 2. p. 853-880.
- CARDINI, Franco. O Guerreiro e o Cavaleiro. In: LE GOFF, Jacques (Dir.). **O Homem Medieval**. Lisboa: Presença, 1989. p. 57-78.
- DEYERMOND, Alan David. Cid, el (Rodrigo Díaz). In: LOYN, Henry R. (Org.). **Diccionario da Idade Média**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- DUBY, Georges. **A Três Ordens ou o Imaginário do Feudalismo**. Lisboa: Estampa, 1982.
- FLETCHER, Richard. **Em Busca de El Cid**. São Paulo: Unesp, 2002.
- GUTIÉRREZ AJA, María del Carmen; RIAÑO RODRÍGUEZ, Timoteo. **El Cantar de Mío Cid. 2: Fecha y Autor del Cantar de Mío Cid**. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2006.
- KOCKA, Jürgen. Comparison and beyond. **History and Theory**, n. 42, p. 39-44, fev. 2003.
- MINELLO MARTINI, Nelson. Masculinidad/es: Es un Concepto en Construcción. Nueva Antropología. **Revista de Ciencias Sociales**, n. 61, p. 11-30, 2002.
- PÉROTIN-DUMON, Anne. Masculinidad. **El Género en Historia**, Institute of Latin American Studies, University of London. Disponível em: <http://americas.sas.ac.uk/publications/docs/genero_primera_cap4.pdf>. Último acesso em: 22/02/2008.
- SCOTT, Joan Wallach. Gender: A Useful Category of Historical Analysis. In: _____. **Gender and Politics of History**. New York: Columbia University Press, 1999. p. 28-50.
- UBIETO ARTETA, Antonio. El Sentimiento Antileonés en el Cantar de Mio Cid. **En la España Medieval**, n. 1, p. 557-574, 1980.

Cavaleiros Templários de Jerusalém. Cf. BERNARDO DE CLARAVAL, 1955: 853-880. Sobre as relações Igreja e Cavalaria ver, ainda CARDINI, 1989:57-78.